

O analista equilibrista¹

Rodrigo de Leão Antunes²

RESUMO

Em estilo associação livre, sustentada por autores contemporâneos da psicanálise, este trabalho propõe uma metáfora como convite à reflexão sobre o exercício de uma atitude mais ativa e implicada do analista durante a formação e na transmissão da psicanálise. A ideia de um *analista-equilibrista*, proposta pelo autor, reflete sobre o tripé da formação e sobre a participação das instituições nesse processo dinâmico e contínuo. Mantendo uma lógica triangular, três questões são sugeridas a respeito desse processo: “O Que”, “Quem” e “Quando”. Dado que o autor considera estar nos primórdios de sua formação e que escreve o presente trabalho ao fim de seu terceiro ano de seminários no CEPdePA, o texto reflete ideias a partir de um vértice interno ao processo a que se refere.

Palavras-chave: Transmissão em psicanálise. Instituição psicanalítica. Formação psicanalítica. Tripé psicanalítico.

1 O ANALISTA EQUILIBRISTA

A reflexão à qual este trabalho se propõe advém de uma imagem, portanto anterior às linhas que se seguem, mas também concomitante a elas. Como de costume, os objetivos parecem ser mais claros que as motivações e para escrever não seria diferente. Penso que a obrigatoriedade de escrever não renderia sequer quatro folhas; junto com tal incumbência, há inspiração. Não se trata de uma ideia original, no sentido de originalidade do autor, mas é original por ser uma incer-

1 Monografia do Curso de Formação Psicanalítica do CEPdePA - 2017.

2 Psicólogo, membro provisório do CEPdePA e analista-equilibrista.

teza perene à psicanálise – desde suas origens. No entanto, essa condição perene da incerteza não significa que não venha se transformando a forma de pensá-la – com suas variâncias e invariâncias – desde as reuniões de quarta-feira ou, nesses 105 anos, desde que Freud propôs algumas recomendações a quem quer que fosse exercer a psicanálise, ou, ainda antes, quando ele mesmo se viu na iminência de criá-la (?), descobri-la (?), fundá-la (?) – essa é outra dúvida sobre a qual talvez não haja consenso. André Green (2001) lembra que o próprio Freud (1985), em suas *Elementary lessons in psychoanalysis*, confessou que não podia decidir se estava diante de postulados ou de resultados de pesquisa. A reflexão aqui não será tão inicial. Postulado ou resultado, a psicanálise passou a existir na mente de um homem que desejou transmiti-la; assim, os que lhe sucedessem poderiam expandi-la, complexizá-la e aperfeiçoar sua técnica como prática clínica – os psicanalistas.

Mantendo uma tradição lógico-triangular, surgem estas três questões para este trabalho em que justamente pretendo falar sobre o tripé psicanalítico. (1) O que forma um psicanalista? Aliás, (2) um psicanalista forma-se ou é formado? E (3) essa formação acontece de fato ou é um processo infinito? Os caminhos que se oferecem ao pensamento são muitos e é provável que não poderei percorrer todos aqui. Tais questões, penso, podem ser abreviadas em sua enunciação para facilitar nossa reflexão em “o quê?”, “quem?” e “quando?” de uma formação psicanalítica. Ou seja, gostaria de pensar a respeito da transmissão da psicanálise. Sobre **o que** se transmite, **quem** transmite e **quando** se transmite, ou por qual período é transmitido.

Para pensar no tripé da transmissão psicanalítica, estabelecido por Max Eitington em 1925, proponho a imagem de um outro tripé como continuidade à metáfora. Sobre esse, apoia-se uma prancha ou bandeja plana; sobre essa prancha, o analista. Por ser um tripé, há a implicação de o analista equilibrar-se de forma ativa, distribuir o peso e movimentar-se de acordo com as variações e oscilações dessa prancha, a que atribuirei o valor de *a psicanálise*. Tem-se, então, o tripé da transmissão apoiando *a psicanálise* sobre a qual o analista trabalha – o *analista-e-quilibrista*.

Isso explicaria – sem tornar necessariamente um erro, mas sendo “apenas” uma perigosa habilidade – o porquê de um profissional mais experiente, mais

implicado nos processos de ser analista (e equilibrista) retirar, com o tempo ou durante alguns períodos de seu percurso clínico, um ou dois pés do tripé – como de fato acontece em todos os lugares com analistas veteranos que terminam suas análises e supervisões. Seguindo a metáfora, caso se coloque um quarto pé – ou mais –, estaríamos estabilizando a prancha, e o analista-equilibrista, por mais inexperiente que seja, poderia gozar de toda a comodidade e segurança, sem implicar-se no processo ao qual se propõe: o de manter a si e a *psicanálise* equilibrando-se. Seria como ficar de pé sobre uma mesa. Na literatura, nas palavras proferidas oficialmente em congressos ou nas conversas informais, o quarto pé parece ser sempre as instituições. Se assim for, penso serem as instituições responsáveis por enrijecer a *psicanálise* e seus (não)equilibristas. Esses analistas que fazem uso de quatro pés estariam amparados de tal forma que se tornariam passivos e não implicados na e pela psicanálise, apenas repetidores pouco autênticos de uma teoria da qual a instituição se apropriou, portanto institucionalizada. Aqueles não implicados seriam meros aplicadores da psicanálise.

Aqui falamos de uma atividade impossível, não em razão de não se poder exercê-la, mas por que nos propomos a alcançar o inalcançável, algo que sempre escapa, que é da ordem da falta, que está sempre a se transformar e a escapar de nosso saber.

Pontalis (2003) discorda e brinca, afirmando que, se fosse realmente impossível, já teria desistido há muito tempo. No entanto, talvez não tenha desistido por que também nunca se saciou dela, de equilibrar-se tentando sempre alcançar um objeto, esse sim, impossível. É mesmo essa a atividade do *estar* e não do *ser* analista. A atividade do equilibrar-se e não do alcançar, das motivações e não dos objetivos. Por isso, equilibrista; não, equilibrado.

A mera aplicação da teoria ou de uma técnica psicanalítica deixa seu aplicador de fora de uma relação analista-analisando que poderíamos considerar analítica, não há encontros em sua clínica. Para que haja um encontro, é preciso um espaço, uma falta que possa ser preenchida com algo novo produzido pelo encontro. Se o analista é completo, ou pelo menos pensa que é por estar tão bem equilibrado em seu quadripé, não há espaço a oferecer, não há falta a ser preenchida e, portanto, não haverá encontros.

Dado o objeto psicanalítico, o inconsciente, somos todos sujeitos a buscá-lo, seja como analistas, analisandos ou supervisores; seja como transmissores da psicanálise ou receptores; seja como equilibristas (analistas) ou equilibrantes (transmissores). Nesse processo de busca ao qual nos propomos, só poderíamos nos considerar prontos, completos, equilibrados, quando realmente alcançássemos tal objeto, o que de fato nunca acontece. Da mesma forma em que estamos sempre a nos aproximar do objeto, poderíamos dizer que estamos sempre a nos aproximar de sermos analistas. Quando a prancha parece estabilizar-se; logo em seguida, começa a inclinar-se para o outro lado. Nossa formação nunca acaba, nunca deixamos de ser receptores; até porque esta é nossa melhor ferramenta – ser receptor.

Se o objeto psicanalítico é assim dinâmico, o analista deve ser como tal e a transmissão também, assim como a recepção. É a essa dinâmica que o tripé se propõe e para a qual é suficiente – *O tripé é suficiente*. Não é ideal ou absoluto, mas suficiente para manter o que sustenta com o movimento necessário para seguir buscando seu objeto. Se enrijecermos as bases, jamais daríamos conta de equilibrar um objeto dinâmico. Como acompanhar os movimentos e transformações do inconsciente se estamos fixados (seja em nosso desenvolvimento, seja na teoria)? Como poderíamos fazer uso de uma estrutura rígida para acessar o dinâmico? Seria como fazer uma endoscopia com um cano de alumínio. Estaríamos, na melhor das hipóteses, impedidos de prosseguir nossa investigação na primeira curva, ou, então, criaríamos nosso próprio caminho em direção ao que achássemos ser o destino; forçaríamos o cano em uma interpretação selvagem ou por meio da sugestão – a metáfora das consequências seria sórdida demais para descrever.

Dessa forma, entendo que o tripé deve ser analítico por si só, possibilitar que o analista em formação, seja ele novato, leigo, seja um veterano na atividade de equilibrar-se, percorra as curvas de seu próprio interior e as dos analisandos que ousarem visitar seu divã. Não quero negar aqui as invariâncias psicanalíticas, os *shibboleths*, o conjunto de aspectos que caracterizam uma análise e a diferenciam de tantas outras teorias e práticas clínicas. Tais invariâncias devem permitir que o analista-equilibrista, sustentado pelo tripé, transforme e seja transformado na e pela transmissão – uma transmissão tão dinâmica quanto nosso objeto. Nesse sentido, as instituições psicanalíticas nem sempre cooperam com uma transmis-

são que se poderia dizer dinâmica. Não é raro, tampouco difícil, que se considerem elas próprias (as instituições) como detentoras da psicanálise, ou que atuem no sentido da “psicanálise da instituição”, como se houvesse um jeito institucionalizado de fazer psicanálise. Já quando cooperam, as instituições fazem-se representadas nas análises, nas supervisões e nos seminários teóricos através de identificações e de transferências, mas não como um pé propriamente dito. Elas não devem se considerar o terceiro e, muito menos, o quarto pé – como algumas vezes é proposto. O tripé é composto por análise pessoal, supervisão e estudo teórico, seja ele feito sozinho, em uma instituição ou em várias. De fato, o estudo teórico não depende das instituições, mas sim de quem estuda. Mas, afinal, o que se transmite? Apenas teoria? Começemos por aí.

2 O QUE

A princípio, a resposta é simples. O que se transmite? Ora, psicanálise. Agora, o que é psicanálise? Provavelmente, se tentarmos responder verdadeiramente a essa pergunta, cada um de nós responderia de uma forma. Não em razão de não poder haver consenso, mas por que somos atravessados pelo nosso ofício e, assim, o transformamos tanto quanto somos transformados por ele – uma definição generalizável será sempre incompleta no que diz respeito aos seus sujeitos.

Rezende (1994) faz sua interpretação de Bion para explicar esse fator através da ideia do “aprender com a experiência”. O autor relembra como Bion faz uso de uma célebre frase de Kant que vem ao encontro do que estamos começando a tratar: *conceito sem intuição é vazio, intuição sem conceito é cega*. Rezende explica que, na frase citada por Bion, o conceito corresponde ao aprender e a intuição corresponde à experiência, ou seja, experiência sem aprendizagem é cega e a aprendizagem sem experiência é vazia. Então, proponho que, para além do óbvio (que seria a transmissão/ensino da teoria técnica e metapsicológica), há algo da experiência pessoal de cada receptor. A partir desse entendimento, seria impossível falar da psicanálise sem falar de si: da forma que a vemos, lemos, ouvimos e que, volta e meia, parecemos possuí-la ao nos intitularmos psicanalistas – pessoas que exercem psicanálise.

Então, o que possuímos se não o que outra pessoa – um transmissor – viu, leu, ouviu e possuiu antes de nós? E outros antes dele e, antes desses, outros? Não somos meros replicantes. Parece, assim, ser mesmo o reconhecimento do outro o que se busca transmitir nessas sucessões de encontros entre transmissores e receptores, entre equilibristas e equilibrantes. Deve-se reconhecer que o outro sempre será uma interferência na transmissão; que, a cada indivíduo, ocorrerão transformações e uma nova psicanálise irá existir. Desse modo, só podemos nos apropriar de uma psicanálise que passa a ser interna a nós. Seu passado, que nos foi transmitido, e seu futuro, que iremos transmitir ao exercê-la, não nos pertence e não temos qualquer poder sobre ela. Reconhecer o outro é reconhecer que algo novo possa existir, que algo de diferente possa nascer no encontro com a história, no encontro com um passado que insiste em ser atual. Transformamos certezas históricas em dúvidas e, assim, ampliamos nossas possibilidades e inevitavelmente interferimos na transmissão. Segundo Sandler (1997), foi duvidar das aparências que possibilitou Freud descobrir o que descobriu.

É provável que não seja por acaso que nomeamos nossa história como movimento psicanalítico, que não se fale em história da psicanálise, pois daí vem nossa sobrevivência – do movimento. Segundo Cournut e Denis (2003), a mente arejada e reflexiva é fundamental para a transmissão da mensagem freudiana; transmitir de ou para uma mente rígida alteraria a mensagem transmitida definitivamente. Segundo os autores, a transmissão se iniciaria pela análise do futuro analista. O *aprender com a experiência* é aprender com nossa própria experiência, vivendo a análise com a ajuda do analista (REZENDE, 1994). Só a análise é capaz de transmitir a essência desse movimento que nunca se completa; que gera, a cada análise, novas ideias e teorias derivadas e, portanto, “fiéis” a Freud (COURNUT; DENIS, 2003).

Particularmente, penso que o termo “fiéis” aplica-se aqui à ideia de movimento, não ao que Freud escreveu ou disse. Relaciona-se mais a uma atitude que cada analista vai exercer a partir de suas possibilidades do que a uma doutrina aplicável. Cabe então ao movimento intelectual, afetivo, mas principalmente psíquico, que ocorre durante a transmissão, criar um espaço que possa suportar as oscilações da atividade de se equilibrar na psicanálise.

Nesse ponto, para estabelecer essa capacidade, essa atitude analítica (como muitas vezes é chamada), entendo que nenhum outro pé dos três que nos são suficientemente necessários é mais poderoso que a análise pessoal daquele que se propõe a ser, em algum momento, um analista. Portanto, nesse pé, central em todos os modelos de formação, *o que* se transmite é essa atitude analítica na qual a fidelidade se constitui. Ao encontro dessa ideia, Levy (2007) destaca o grau de importância que se dá, nos três grandes modelos de formação reconhecidos pela IPA (*International Psychoanalytical Association*), não só à análise pessoal do futuro analista, mas também ao resultado de tal análise. O resultado, segundo esse autor, deve não só ter garantido a saúde e o equilíbrio psíquico, como se espera de todos os analisandos, como também ter atingido uma permeabilidade psíquica, a superação dos pontos cegos (mesmo sabendo-se da impossibilidade de que isso ocorra integralmente) e a já citada atitude analítica.

Retorno à metáfora do equilíbrio, que só existe a partir de seu oposto – o desequilíbrio –, e entendo que não se trata de acomodar o processo. Durante a análise pessoal, deve-se poder trabalhar as angústias oriundas do próprio processo de formação que acabam despertadas pelo estudo teórico e pela supervisão, mesmo que, por vezes, estabelecendo crises identificatórias com a formação, com as instituições (quando houver) e com o próprio desejo de ser analista (MICHELS, 2000; GIOVANNETTI, 2000 apud LEVY, 2007). Segundo Levy (2007), se tudo ocorrer como o esperado, ao final da análise, terá sido desenvolvida uma capacidade continente que pode transformar e, assim, fazer-se compreender e conhecer experiências emocionais. Adaptando a metáfora, o que Levy (2007) sugere é que o futuro analista, que passa a experimentar a atividade do equilíbrio, descobrirá, em sua análise, objetos internos que servirão de “contra-peso” quando ele precisar equilibrar-se entre as experiências emocionais: suas e de seus analisandos. No entanto, como dito, a melhor das atitudes analíticas só se fará útil se puder ser apoiada em uma base teórica e técnica – o método. Caso contrário, pode-se ter uma atitude adequada sem entendimento do que acontece na sessão. Assim como uma técnica “perfeita”, mas sem atitude, será mera aplicação e poder-se-ia duvidar de seus resultados a respeito do inconsciente. O método psicanalítico ganha complexidade e potência no encontro da técnica com a atitude própria do analista.

Sobre o método, Meltzer (1979) descreve o analista como uma pessoa em contato profundo com seu inconsciente e sensível às outras pessoas. Com isso, em um ambiente controlado, estabelece uma relação entre si e um outro a fim de estudar os acontecimentos que transpiram em uma sessão de análise quando o analista limita sua atividade, tanto quanto possível, à interpretação da transferência. Levy (2007) entende que, ao escolher as palavras “tanto quanto possível” para se referir ao uso da interpretação, Meltzer implicitamente admite que existem atividades do psicanalista que estão para além da interpretação, ou seja, fogem dos recursos de uma psicanálise aplicada, impessoal, em que o inconsciente de quem interpreta não está presente, em que não há analista, apenas paciente e teoria.

Fruchtengarten (2010, p. 45) destaca que, mesmo em Freud, não se encontra uma descrição geral ou uma explicação sistemática do que poderíamos chamar de técnica analítica, nem mesmo nos artigos publicados entre 1911 e 1915 (artigos sobre técnica). É apresentada também um passagem em que Freud, no primeiro parágrafo de “*Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*”, diz:

[...] o que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta.

Mesmo que a técnica dependa de quem a utiliza e vice-versa, isso não significa que não haja, como Freud escreveu nas *recomendações*, um procedimento que, em média, seja eficaz, mesmo admitindo a diversidade de constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza de fatores determinantes que se opõem a uma mecanização da técnica (FREUD, 1913). Considerando que, por vezes, haja um curso de ação visto como certo para um “tipo” de paciente, esse pode mostrar-se ineficaz, e um outro curso de ação que poderia, a princípio, ser visto como errôneo conduz a um fim desejado (FRUCHTENGARTEN, 2010). Ou ainda, como escreve Haydée Faimberg (2001), seria a análise dos mal-entendidos a *via regia* para a descoberta das verdades psíquicas. Nesse sentido, não necessariamente concordando, Pontalis (2003) comenta como

o método analítico é posto em questão nos casos difíceis, considerados *casos-limite*. Para o autor, ao nos depararmos com casos assim, ficamos sem rumo – apesar da extensa literatura existente – e somos obrigados a inventar, sair de nossos próprios limites teóricos e mentais, além de sair de nossa gama de afetos comuns. Assim, com situações desequilibrantes, quando não podemos mais utilizar os códigos que normalmente nos servem de apoio, descobrimos que esses apoios nos tolhem as novas possibilidades da análise quando nos sujeitamos a eles.

Paradoxalmente, o autor comenta que é nos casos em que acreditamos que sejam os mais privilegiados para o exercício da psicanálise (as “neuroses clássicas”) que encontramos a dificuldade de não ter nosso próprio pensamento incitado a romper tais amarras. Nosso saber assume o lugar da resistência, e diríamos que a compreensão da neurose impede nossa capacidade de invenção (PONTALIS, 2003). Essa lógica paradoxal que, por sinal, acompanha a teoria psicanalítica – mesmo antes de Freud poder batizar esse desequilíbrio essencial ao qual somos impelidos de pulsão de vida e pulsão de morte – é a psicanálise a ser transmitida. Se, dentre as pulsões, a morte está no encontro com a homeostase tão buscada pelo psiquismo, entendo que, no equilíbrio estático, está a morte do analista como tal. Figueiredo (2009) escreve que a vida dura enquanto se sustenta essa lógica paradoxal e cita Derrida ao trazer a *lógica da suplementariedade*, em que cada polo funciona como oposição e, assim, suplemento ao outro. Em seguida, o autor formula um trecho que penso estar de acordo com este trabalho sobre o equilíbrio:

Sabemos que coube a Winnicot dar o máximo relevo, expansão e elaboração ao *paradoxo*, seja no plano dos processos psíquicos (individuais e coletivos), seja no plano de sua teorização psicanalítica, mas toda a psicanálise foi construída sobre estes «alicerces» lógicos e todo o pensamento de Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Lacan e Bion, entre tantos outros, não se deixa apreender se a lógica formal aristotélica prevalecer sobre a lógica paradoxal e a noção de suplementariedade. Na verdade, ambas as lógicas precisam ser reconhecidas e praticadas, paradoxalmente. (FIGUEIREDO, 2009)

Dessa forma, não só a cada análise, mas a cada transmissão, será criada uma nova psicanálise com lógicas de complementariedade próprias. Porém, o que se transmite não é apenas como se equilibrar, mas também sobre o que se equilibrar. Não só os suplementos, mas também os complementos, por exemplo, os *Shibboleths*.

Diria Paim Filho (2010) que os *Shibboleths* seriam quatro conceitos que fazem a trama entre a metapsicologia e a clínica, os quais mantêm entre si uma relação de complementariedade. Seriam eles os conceitos psicanalíticos de *Inconsciente*, *Complexo de Édipo*, *Sexualidade e Sonhos*. É a manutenção desses quatro conceitos junto a uma atitude equilibrista que sustenta a psicanálise como método, ofício e disciplina sempre atual e relevante para a sociedade.

Cada analista, supervisor, coordenador de seminário teórico ou de grupo de estudo e até mesmo professores em cursos e faculdades terão diante de si a dificuldade de transmitir algo que oscila e se transforma a cada interpretação, a cada conceito explicado e palavra proferida. Tantas teorias derivadas, mesmo que fiéis a Freud, podem levar a uma espécie de fragmentação do corpo teórico da disciplina e a uma multiplicação de tendências representadas por autores diversos que, como referem Bokanowski e Green na Revista Francesa de Psicanálise de 2001, preocuparam algumas importantes personalidades da psicanálise. Comentam que, no Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, em Nice, no mesmo ano, chegou a ser questionado se ainda se poderia falar de *uma* psicanálise ou se seriam *psicanálises* e, nesse mesmo congresso, viram-se obrigados a retomar a questão à qual nos propomos aqui: o que é psicanálise e o que se transmite? E agora, mais de cem anos após o nascimento da psicanálise, pensar em tais questões evidencia que as bases não são tão sólidas, não estão tão solidificadas, como os autores acreditam que deveriam estar. Mais uma vez, a ideia de que é preciso equilibrar-se faz-se presente.

Bokanowski e Green (2003) indicam que é nessa oscilação entre a preocupação quanto à fragmentação – portanto, enfraquecimento ou descaracterização da psicanálise – e a necessidade de reforma e de manutenção que a psicanálise segue sendo relevante como disciplina. Para Bergman (2003), por exemplo, depois que Freud morreu, dois caminhos se revelaram à psicanálise e a seus analistas-equili-

bristas: continuar a viver sobre as aquisições das descobertas de Freud, ou seguir em um desenvolvimento. O conflito vinha da ambivalência entre tornar-se algo como uma seita e seguir as palavras do mestre, ou desenvolver-se sem um rumo definido, já que não havia uma voz real que pudesse determinar esse rumo. Com isso, os pós-freudianos que optaram por seguir um desenvolvimento, muitas vezes, tomaram rumos diferentes e até contraditórios. Mais adiante, esses rumos ganharam corpo e nos trouxeram a idéia de “escolas”. O curioso, segundo Bergman, é que essas “escolas” são normalmente batizadas com o nome de seus principais autores, o que não nos distancia tanto da primeira possibilidade – a da formação de uma seita. A diferença está na multiplicidade ou, por assim dizer, na diversidade psicanalítica – das psicanálises.

Aqui nos aproximamos de uma justificativa para que as instituições de transmissão não se tornem também escolas, como alguns autores se tornaram por menor que tenham sido suas intenções nesse sentido. Seguindo o raciocínio de Bergman, são fatores irracionais como fidelidade, idealização, inveja dos professores e analistas ou mesmo uma necessidade de revolta contra eles que sobrou como um resíduo do trabalho realizado que levam um analista a escolher uma “escola” em particular. Por isso, opina o autor, tais tendências devem ser superadas para que se possa trabalhar com uma criatividade oriunda, ao mesmo tempo, de uma gratidão ao que a psicanálise nos trouxe, bem como de um reconhecimento de tudo o que nos resta ainda desenvolver.

O que normalmente acontece, assim como no desenvolvimento humano, é que algum tipo de motivação inconsciente oferece o enlace necessário para aproximar alguém da psicanálise. Portanto, deve haver, no princípio, um transmissor que encontra um receptor e vice-versa. Através das identificações, esse enlace se constituirá nas mais variadas formas e forças. Nesse primeiro momento da identificação, é natural que se funcione sob a lógica da seita, de que o transmissor seja o sujeito do suposto saber, idealizado.

Aqui, entramos, então, na questão que me parece a de maior importância, visto que a psicanálise é feita por pessoas e só existe graças a elas: quem transmite?

3 QUEM

Ao entrarmos nessa segunda das três questões às quais me propus refletir neste trabalho, estou convencido de que é impossível tratar separadamente do *o quê*, do *quem* e do *quando se transmite*, por mais que haja um interesse didático-estrutural em separá-las. Talvez essa possa ser uma conclusão antecipada ao que resta desenvolver: se *o que* se transmite é uma parte de *quem* transmite, não são aspectos tão diferentes assim – e é provável que o próximo tópico, o *quando* se transmite, mostre-se também inseparável.

Ao tratarmos do *o quê* se transmite, aproximamo-nos da ideia de que os analistas sempre transmitirão psicanálise em seus consultórios, seja para uma pessoa que pretende também exercer a função ou não. Uma análise será sempre uma transmissão; conta-se com isso para que um paciente possa, em algum momento, deixar o divã e viver sua vida fora da artificialidade de uma neurose de transferência. Da mesma forma como uma análise é sempre transmissão, a transmissão será sempre analítica em algum grau. Tanto um supervisor, quanto um professor ou uma escola – seja ela uma instituição, seja uma teoria – ocuparão um papel analítico na atividade da transmissão. Visto que serão analíticos, os três pés da formação/transmissão estarão implicados pelas identificações e heranças oriundas da relação do sujeito com *quem* transmite, por isso é possível entender esse período da atividade do equilibrar-se em psicanálise a partir das transferências.

É a partir das identificações que se formará a identidade do analista e que se trará à luz a relação com esses objetos-modelo e sua relação de ambivalência com eles. Segundo Souto et al. (2010), o objeto identificatório pode passar a ser tratado como o próprio eu, ou acabar ocupando o lugar de um ideal-de-eu não atingido. De qualquer forma, inicia-se uma relação de ambivalência entre amor e ódio que faz serem escolhidos, em nome do objeto, traços e características para serem seguidos. Segundo as autoras, esse é um processo estruturante, formador do eu, o qual pode ser reativado inconscientemente ao longo da vida do indivíduo. Se isso ocorrer de forma analítica durante os seminários, supervisões ou no divã, haverá um momento de desidealização dos objetos-modelo-identificatórios em busca da identidade. Esse seria o momento em que não se estaria mais apaixonado pelo outro, mas, através do

amor, estar-se-ia em uma dialética com ele. Ou seja, ambos podem existir (SOUTO et al., 2010), não é preciso tornar-se o objeto ou destruí-lo. Esse momento é crucial para o analista-equilibrista que passa, então, a se colocar sobre o tripé e usar o que pôde ser absorvido de seus modelos para equilibrar-se. Se não for possibilitado pela dupla analista-analisando, supervisor-analista ou escola-analista buscar a identidade pela via do amor, sucumbe-se a uma fascinação que empobrece o eu e coloca, na visão das autoras, o objeto identificatório como um eu-ideal. Na nossa metáfora, é como se o indivíduo só pudesse se equilibrar sobre a psicanálise do seu ideal, seja ele analista, supervisor, professor ou autor. A possibilidade criativa é negada e o analista em potencial não se autoriza à arte do equilíbrio. Como diz Meyer (1994, p. 159), “a inelutável identificação com um autor, com sua teoria, com seu grupo é um meio, não um fim”.

Os atravessamentos que podem levar a uma identificação deste tipo, idealizada, que não orienta à identidade, mas a uma mera repetição, são muitos. Para que haja uma atualização criativa, frutífera, para que o analista possa alcançar sua identidade, a transmissão deve ocupar-se do método e não de quem transmite. Como dissemos: apesar da inseparabilidade entre *o que e quem* transmite, esses não devem ser confundidos. Meyer (2007) acredita que o que ocorre, por exemplo, nas análises didáticas é uma identificação com a pessoa do analista, e Levy (2007) acredita que isso possa ocorrer por parte do didata em ter certa ânsia de poder dentro da instituição à qual pertence. Que, através da identificação de seus analisandos (futuros analistas) consigo mesmo, possa ser garantida uma “eternização” de seu nome. Esse é um risco não só em análises, sejam elas didáticas ou não, mas em qualquer momento da transmissão. Penso que, nas instituições, isso está mais próximo de acontecer, pelo fato de elas terem o pretensão poder de dizer quem é ou não um analista; portanto, segundo os autores, se a prole merece ou não herdar seu sobrenome. Isso coloca as instituições transmissoras da psicanálise em uma posição bastante delicada e de difícil manejo, tanto é que há mais de cem anos se discute o papel delas para o movimento psicanalítico.

Nesse sentido, Carlos Augusto Calil (2009) dá uma entrevista bastante interessante para a *Revista Brasileira de Psicanálise* falando sobre instituições. Nessa entrevista, Calil opina que as instituições têm grande importância para o acúmulo

de experiência transgeracional, proporcionando uma bagagem mais sólida, mesmo que isso, por vezes, engesse e impeça o nascimento de algo novo. Em seguida, o entrevistado traz como exemplo uma metáfora muito pertinente criada por Aloísio Magalhães que, ao assumir a direção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e sofrer diversas críticas, teria dito que a cultura é como um estilingue: quanto mais esticado para trás, mais longe atira sua pedra. Percebo que encontramos os mesmos termos ao trazermos essa ideia para o contexto da psicanálise, em que nos deparamos com a máxima de “voltar a Freud” sempre que escrevemos um trabalho, que tentamos destrinchar um conceito, ou, até mesmo, quando nos propomos a pensar diferente e desenvolver algo novo. As bases ou, como diz o entrevistado, o acúmulo de experiências proporcionam um desenvolvimento mais consistente e seguro. Esse entendimento paradoxal é, como diz Figueiredo (2009) ao comentar a entrevista, essencial na vida dos indivíduos e de suas instituições. Segundo ele, as questões que envolvem as instituições e o seus indivíduos funcionam sempre em pares de opostos – como entendo o ato de equilibrar-se –, de modo que ele cita, ainda, alguns como exemplo: força da vida institucional e de suas personalidades, os espaços e os processos, o imóvel e os movimentos vitais, o passado e o futuro, o idêntico e o diferente, o contínuo e o inovador, o coletivo e o particular, a preservação e a criação. Para Figueiredo (2009), cada elemento é indispensável para a sustentação de seu oposto: caso não haja uma força antagônica, os polos se autodestruirão pelos excessos e pelos extravios. E, assim, as instituições e o que elas se propõem administrar dependem, através de uma mediação, da manutenção dessas polaridades. Tais mediações não devem, porém, buscar o equilíbrio estático entre forças nem a média das duplas; as oposições se mantêm e, estabelecendo limites e contenção a seus opostos, possibilitam a manutenção e o desenvolvimento desses.

Nesse sentido, Eizirik (2009) usa a IPA como exemplo ao atribuir à instituição a qualidade de “invenção mais complexa e por vezes polêmica de Freud”. Se é complexa, não é um sistema fechado e, se é polêmica, é porque forças antagônicas podem se manifestar, portanto podendo contribuir para o desenvolvimento de seus opostos, ou seja, mantém-se a criatividade ao acumular experiências tradicionais à psicanálise.

Não só a IPA, mas todas as instituições que transmitem psicanálise deveriam, mediadas por seus indivíduos, encontrar forças opostas que as façam refletir e que as desacomodem de uma possível fantasia de serem A Psicanálise. Como já vimos, é claro que as instituições também fazem identificações e buscam sua identidade, portanto se apropriam de partes da psicanálise para tal, mas isso não pode resultar em uma apropriação narcisista como se instituição e psicanálise fossem uma coisa só – o que só poderia resultar numa transmissão do mesmo tipo aos seus filiados. Ou seja, reconhecer-se-iam como herdeiros apenas os indivíduos que lhe perpetuassem: aplicadores e repetidores. Formar-se-iam psicanalistas com o sobrenome da instituição pela qual passaram, como muitas vezes estamos acostumados a escutar.

Dessa forma, Meyer (1994), elaborando uma interpretação própria sobre a contundente carta que Winnicott enviou para Melanie Klein em novembro de 1952, comenta sobre como a linguagem canônica tende a aprisionar os analistas que, submissos, abandonam os questionamentos e invenções em prol de uma linguagem comum e equipara uma linguagem desse tipo a uma linguagem morta. Instituições que operam sobre uma lógica doutrinadora corroboram apenas suas próprias afirmações e premissas. Valem-se, segundo Meyer (1994), da fragilidade do estado sensível transferencial do sujeito e seduzem pela oferta de uma via segura e já estabelecida. Diz ele:

[...] uma análise (e implicitamente a formação e a transmissão) fracassa quando o «o paciente não tem liberdade para se desenvolver ou criar na análise» (WINNICOTT, 1952), isto é, quando o analista se priva da sua liberdade de pensar e transmuta-se num entusiasta de doutrina, fazendo de sua atividade uma mera defesa e afirmação dos cânones que esposa e não da função analítica da qual é depositário (MEYER, 1994, p. 161).

Ainda em Winnicott, o autor lembra que uma mãe suficientemente boa é aquela que justamente está disponível apenas em uma certa medida: uma medida que permite ao bebê desenvolver a capacidade de poder sentir-se só. Considero que, na formação, quem ocupa o lugar de transmissor deve também exercer sua

função em uma certa medida que tolere e permita ao futuro analista construir uma linguagem própria e exercer a psicanálise a partir de si. Se a instituição, representada em seus transmissores, é intolerante a cada menção à criatividade de seus candidatos à analista, os candidatos não terão a liberdade de criar. Formam um *falso-self*, tornam-se como a instituição e escondem seu *self*-verdadeiro de onde poderia vir o movimento psicanalítico. Não se trata apenas de transmitir, mas da forma como se transmite e da forma como se oferece o espaço. Referindo-se à introdução, deve haver um encontro entre transmissor e receptor com espaço para transformação, o espaço do reconhecimento.

Se pensamos em espaço, pensamos em tempo. Quando essa transformação se dá? Quando é possível tal reconhecimento? É assim que entramos em nossa terceira questão: *quando* se transmite.

4 QUANDO

Na introdução, onde expus a ideia de que o tripé é suficiente para sustentar um analista-equilibrista, disse que mais apoios – institucionais ou dos transmissores – enrijeceriam a atividade do equilibrista e o tornariam um analista equilibrado, passivo. Comentei também que o fato de profissionais experientes não fazerem uso das três estruturas transmissoras não representa um erro, mas um risco que assumem de acordo com a confiança que adquirem em equilibrar-se. Vemos analistas que, apesar de intermináveis, terminam suas análises e re-análises e também vemos o quanto a posição de supervisionando vai ficando cada vez mais estranha e incômoda ao longo da trajetória clínica – talvez até pelos significantes que o prefixo *super* possa evocar, algo que remete à hierarquia. No entanto, não se para de estudar. Esse pé não parece ser possível de abandonar sem abandonar a psicanálise.

Rezende (1994) diz ser Bion um analista que escreve para analistas que leem e que pensa constantemente na formação de novos analistas. Para esse autor, os tempos fortes da formação podem ser marcados a partir dos trabalhos de Bion. Tais tempos seriam estes: tempo do (1) aprender, do (2) crescer, do (3) ser, do (4) não-ser e, por último, um (5) momento de sabedoria.

1) Então, a partir de Rezende (1994), o aprender, como falamos acima, é o aprender com a experiência. O autor vem ao encontro do que fora dito e coloca

tanto a análise como processo de aprendizado, quanto o aprendizado como um dos aspectos essenciais da análise; assim como o aprendizado da teoria psicanalítica que possibilita nomear adequadamente a experiência. O importante dessa etapa é ler e conhecer teorias que introduziram diferenças significativas na psicanálise, como a sexualidade para Freud, a linguagem para Lacan, o emocional infantil para Klein, o espaço transicional para Winnicott e o pensamento para Bion. Lembra o autor que a teoria ganha importância assim que a experiência em análise faz surgir o objeto psicanalítico a ser nomeado, pois, na maioria das formações, a análise pessoal transcorre em concomitância com o início da atividade clínica do candidato.

2) Já o Crescer é quase inseparável do aprender. A vivência da transmissão é, em si, uma experiência de crescimento que proporciona o contato com a alteridade e com a diferença, fazendo crescer tanto transmissor quanto receptor. Como elabora Rezende, aprende-se para crescer, cresce-se para ser.

3) O autor explica que, no momento do ser, passa-se da realidade sensível à realidade psíquica. É um tempo da formação em que ser analista passa a se tornar realidade e em que é preciso ter em si, em sua própria vida psíquica, espaço para acolher a de seus pacientes. Passamos a ter em nós a possibilidade de uma “mudança catastrófica», de transformar as teorias que tínhamos sobre nós e, portanto, as que os pacientes têm sobre si.

4) O não-ser vem com a queda de teorias psíquicas, sobre quem somos, mas também com a queda das teorias psicanalíticas, através da desidealização de analistas, supervisores e professores. Para Rezende (1994), é o momento em que há o reconhecimento do que não sabemos e do que nunca saberemos a respeito de nós mesmos e de nossos pacientes. Isso permite a atitude tão falada anteriormente de um saber não dogmático e autoritário: «sem desejo, sem memória e sem necessidade de compreensão».

5) Por último, o momento de sabedoria seria quando a função analítica estaria inserida como função simbólica, uma função que, ao mesmo tempo, transforma e permite a assimilação do que foi transformado. Segundo o autor, é um tempo em que a função analítica está tão desenvolvida a ponto de se poder exercê-la sobre si mesmo, como uma auto-análise. É o sinal, para Rezende (1994), de que houve formação e de que o analista viveu tal experiência a ponto de adquirir

autonomia em relação aos seus transmissores e receptores. No entanto, considero que esse tempo de autonomia não é eterno e pode preceder uma re-análise, o que indica que a formação não termina nunca. A diferença que pode ser percebida é que essa re-análise é reconhecida como um movimento autêntico do analista que está à procura, sem o caráter burocrático de uma análise de formação. Como lembra o autor, ela é reconhecida como vital para si e no relacionamento com os pacientes, pois há, ao final de uma formação, a conquista de uma humildade e de um despojamento. Uma aceitação de que “só se faz aquilo que se pode fazer”, de saber que não sabe.

Por mais que mudem os termos, o tempo da formação não parece diferenciar-se muito entre outros autores. Partindo de Lacan, Souto et al. (2010) descrevem um percurso de formação que visa também a alcançar um momento de autonomia, de romper com a alienação e de abandonar o lugar comum. Segundo as autoras, o indivíduo em formação deve autorizar-se por si mesmo e por alguns outros. Ou seja, deve haver a aquisição de uma identidade e também de um reconhecimento. Isso ocorreria, segundo elas, em três tempos: o tempo da identificação do eu, do olhar; o tempo para compreender, baseado em uma relação de reciprocidade no contexto coletivo e o tempo de concluir – conclusão do tempo para compreender –, em que o sujeito se autoriza de si mesmo como analista, através do reconhecimento de alguns outros. O tempo da formação, portanto, é o tempo do inconsciente, um tempo lógico e não cronológico. Não é possível definir um início, já que as motivações que aproximam alguém desse percurso, bem como de qualquer profissão, são sempre mais antigas do que se pode constatar; também não há presente, visto que o sujeito-analista nunca está pronto; tampouco há futuro, visto que as identificações são sempre vivas e passíveis de atualização (SOUTO et al., 2010). Bem como a análise, a formação nunca acaba.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja a partir do tempo lógico, como trazem Souto et al. (2010), seja dos tempos fortes da formação que nos explica Rezende (1994), não podemos excluir

o tempo cronológico dos cursos (de formação) que tende a ser de quatro anos na maioria dos lugares. Parece tão pouco para algo interminável. Bem, que siga parecendo pouco e que pareça cada vez menos. Essa percepção da falta, ao final dos anos de um curso, é indicativo de que o germe de uma atitude analítica foi plantado, de que foi criado um espaço que deveremos seguir tentando preencher sem a prepotência de que isso seja possível.

É preciso manter viva a incerteza do ponto de equilíbrio que volta e meia encontramos para sermos capazes de sofrer os desequilíbrios que a presença do outro nos causa, estejamos na posição de transmissores ou de receptores. Em nossa metáfora, se os transmissores obtiverem sucesso em posicionar um candidato a analista a equilibrar-se sobre o tripé, só lhes restará confiar em suas próprias bases e deixar que o novo apareça. A partir daí, fora dos cursos, cada sujeito terá seu percurso. Cada analista-equilibrista fará uso de seu tempo e espaço de forma criativa e cada vez mais autônoma, mas humilde, para manter-se como analista. Seja qual for a “escola” ou o autor que irá fornecer a linguagem para entender o que se apresenta e o que falta em sua atividade de equilibrar a si ou aos outros, deve manter-se o espaço para uma linguagem própria de cada um. Assim, faço uso das palavras de Jean-Bertrand Pontalis (2003, p. 374) para concluir:

Paradoxo: só a admissão de uma identidade múltipla oferece uma possibilidade de encontrar sua voz singular. [...] O fechamento numa teoria, seja ela a sua ou a de um mestre, aponta para o fim do pensamento. A língua engessada destrói a palavra viva. Sejamos claustrofóbicos!

Já eu diria: sejamos desequilibrados!

REFERÊNCIAS

BERGMAN, M. Psicanálise: história e crise atual. In: GREEN, A. (Org). **Psicanálise contemporânea**: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BOKANOWSKI, T.; GREEN, A. Argumento. In: GREEN, A. (Org). **Psicanálise contemporânea**: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CALIL, C. A. Entrevista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 15-27, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2017.

COURNUT, J.; DENIS, P. Os sete mensageiros da psicanálise. In: GREEN, A. (Org). **Psicanálise contemporânea**: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

EIZIRIK, C. L. Sobre os 100 anos da IPA: entre a informalidade e a institucionalização: Comentário à entrevista de Carlos Augusto Calil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 33-38, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FAIMBERG, H. O mal-entendido e verdades psíquicas. In: _____. **Gerações**: mal entendido e verdades históricas. Porto Alegre: Criação Humana, 2001.

FIGUEIREDO, L. C. Fracassos e sucessos na vida institucional e sua lógica paradoxal: comentário à entrevista de Carlos Augusto Calil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 29-32, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FROCHTENGARTEN, J. É preciso ser psicanalista. É preciso?. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 45-53, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FREUD, S. (1913). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 147-59. (Edição Standard Brasileira, 12).

GREEN, A. A crise do entendimento psicanalítico. **Psicanálise Contemporânea**: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP, 2001. p.477-492

LEVY, R. A responsabilidade ética na transmissão da psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 39-52, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2017.

MELTZER, D. **Os estados sexuais da mente**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

MEYER, L. O que faz fracassar uma formação? **Percursos**, São Paulo, v. 12, p.83-88, 1994.

_____. A análise didática deve ser mantida? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.41, n.3, p.33-40, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PAIM FILHO, I. Shibboleth, Freud e o fundamental na psicanálise e no dever analista (sobre a tradição na formação) In: SOUTO, V. (Org.). **Formação psicanalítica**: fatos e versões. Porto Alegre: Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre: Letra&Vida, 2010.

PONTALIS, J.B. O laboratório central. In: GREEN, A. (Org.). **Psicanálise contemporânea**: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

REZENDE, A. M. Bion formador de analistas. **Percursos**, São Paulo, v. 7, n.12, p. 27-32, 1994.

SANDLER, P. C. **A apreensão da realidade psíquica**: volume 1. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SOUTO, V. et al. O tempo da transformação psicanalítica In: SOUTO, V. (Org.). **Formação psicanalítica**: fatos e versões. Porto Alegre: Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre: Letra&Vida, 2010.

El analista equilibrista

RESUMEN

En estilo asociación libre, sostenida por autores contemporáneos del psicoanálisis, este trabajo propone una metáfora como invitación a la reflexión sobre el ejercicio de una actitud más activa e implicada del analista durante la formación y en la transmisión del psicoanálisis. La idea de un analista-equilibrista, propuesta por el autor, refleja sobre el trípode de la formación y sobre la participación de las instituciones en ese proceso dinámico y continuo. Manteniendo una lógica triangular, se sugieren tres preguntas acerca de este proceso: “Qué,” Quién “y” Cuando “. Dado que el autor considera estar en los inicios de su formación y que escribe el presente trabajo al cabo de su tercer año de estudios en el CEPdePA, el texto refleja ideas a partir de un vértice interno al proceso al que se refiere.

Palabras claves: Transmisión en Psicoanálisis. Institución Psicoanalítica. Formación Psicoanalítica. Trípode Psicoanalítico.